

Programação:

| 1º dia, 02 de maio, quarta-feira:

8h 30 – Apresentação

MESA 1 (9H ÀS 10H15)	MESA 2 (10H30 ÀS 11H45)	MESA 3 (12H ÀS 13H15)
PROFA. DRA. MARINA DE MELLO E SOUZA <i>Catolicismo e poder na África centro-ocidental, séculos XVI e XVII</i>	PROFA. DRA. CRISTINA WISSENBACH <i>Dinâmicas históricas de um porto centro-africano: Ambriz entre as décadas de 1840 e 1870</i> DRA. MÁRCIA MOISÉS RIBEIRO <i>Medicina e escravidão nas dimensões do universo colonial: a América portuguesa e a África no século XVIII</i>	PROFA. DRA. ROSANGELA SARTESCHI <i>Literatura e História: constituição das identidades nos países de língua oficial portuguesa</i>
Regiane de Mattos <i>As dimensões da resistência em Angoche: da expansão política do sultanato à política colonialista portuguesa no norte de Moçambique (1842-1910).</i>	Alec Ito <i>Guerra e aliança na África Centro-Occidental: os jagas e sua importância no espaço atlântico (séculos XVI-XVII)</i>	Angela Fileno <i>Brasileiros em Lagos: nação e identidades no contexto da independência</i>
Mara Chaves <i>Aspectos das coleções africanas em museus revelados pela arqueologia</i>	Alexandre Marcussi <i>Cativeiro e cura: práticas rituais africanas e as margens da liberdade no Atlântico Português, século XVIII</i>	Lia Laranjeira <i>Os Macondes na construção da identidade nacional moçambicana: um estudo sobre arte, cultura e política (séculos XX - XXI)</i>
Stela Saes <i>A lei 10.639 e a literatura moçambicana: perspectivas e aplicação</i>	Alessandra Pardini <i>Trinta Anos de Ficção (1975-2005): Terra Sonâmbula, O último voo do Flamingo e O outro pé da sereia</i>	Marianna Parro <i>As Vozes adormecidas de Mia Couto: o foco narrativo e o conceito de tradição.</i>
Maria Paula Correa <i>Leitura na Literatura</i>	Louise Bonassi <i>Um mundo dividido em dois: uma leitura de Cadernos de memórias coloniais, de Isabela Figueiredo</i>	Janete Oliveira <i>O narrador múltiplo em Nosso Musseque, de Luandino Vieira</i>
Muryatan Santana Barbosa <i>A África por ela mesma: reflexões sobre a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO).</i>	Lilian Lisboa Miranda <i>Comensalidade e Alimentação: práticas culturais e cotidiano no espaço brasileiro e africano</i>	Ianá Pereira <i>Vozes femininas de Moçambique: Ventos do apocalipse e Niketche: uma história de poligamia</i>

|2º dia, 03 de maio, quinta-feira:

MESA 4 (9H ÀS 10H15)	MESA 5 (10H30 ÀS 11H45)	MESA 6 (12H ÀS 13H15)
PROFA. DRA. VIMA LIA DE ROSSI MARTIN <i>Literatura e experiência histórica nos países de Língua Portuguesa</i>	PROF. DR. JOSÉ FLÁVIO MOTTA <i>As viagens do Conceição Esperança (1820-22)</i>	PROF. DR. ALEXANDRE FREITAS BARBOSA E TAIANE SBIZERA <i>As Relações Brasil e África nos Marcos da Política Externa Independente (1961-1963): O Debate na Imprensa</i>
Paulo Fernando Campbell <i>Amílcar Cabral: a palavra falada e a palavra vivida</i>	Elaine dos Santos <i>Caravanas e expedições: trabalhadores do comércio de longa-distância na África centro-ocidental (século XIX)</i>	Elisangela Queiroz <i>Ao sul da fronteira cimarrón: O processo de redução do maniel de Neiba na Ilha de Española (1782-1795)</i>
Juliana Magalhães <i>Moçambique na literatura de viagem do século XIX</i>	Gabriela Paes <i>Ventura e Desventura no Rio Ribeira de Iguape</i>	Michelle Comar <i>A veste da imortalidade: um estudo sobre o sacramento do batismo no Império português</i>
Agatha Silva <i>A Arqueologia da África através dos editoriais: uma análise dos discursos arqueológicos de africanos e africanistas nos boletins especializados</i>	Patrícia Carvalho <i>A travessia atlântica de árvores sagradas: Estudos de paisagem e arqueologia do presente em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT</i>	Juliana Dourado <i>Do trapiche às cubatas, a infância que não foi: uma análise comparatista entre Capitães da Areia, de Jorge Amado, e A Cidade e a Infância, de Luandino Vieira.</i>
Karla Silva <i>A literatura angolana contemporânea: estratégias discursivas do escritor João Melo</i>	Rodrigo Antonio <i>Imbricações entre o ethos poético e o materialismo histórico na formação do romance moçambicano</i>	Helena Moreno <i>Luanda entre o Atlântico e o Kwanza: a circulação e as idéias de uma cidade em transformação (1890 – 1901)</i>
		Ruy Monteiro <i>O contato entre a população rural do norte de Moçambique e o agronegócio brasileiro.</i>

|3º dia, 04 de maio, sexta-feira:

MESA 7 (9H ÀS 10H15)	MESA 8 (10H30 ÀS 11H45)	MESA 9 (12H ÀS 13H15)
PROFA. DRA. REJANE VECCHIA <i>Literatura e História: as literaturas africanas nos séculos XX e XXI</i>	PROFA. DRA. LEILA LEITE HERNANDEZ <i>As elites africanas de contextos cosmopolitas</i>	PROFA. DRA. LISY SALUM <i>Cultura material da África no Brasil: estudos de caso</i>
Gabriela dos Santos <i>“À espera de uma embaixada”: interdições e incertezas diante da morte de um soberano nguni de Gaza (sul de Moçambique, 1884).</i>	Thiago Sapede <i>Poder Político e Catolicismo no Reino do Congo. Século XVIII. (1769-1795)</i>	Marly Spacachieri <i>Entre os jardins e os quintais. Uma vista d’olhos nas paragens do vale zambeziano no século XIX.</i>
Washington Nascimento <i>Os assimilados e o desenvolvimento do nacionalismo em Angola (1930-1961).</i>	Rafael Galante <i>A Cupópia da Puíta: tambores de fricção nas musicalidades do Atlântico Negro (sécs. XIX e XX)</i>	Rosana Gonçalves <i>O Estado Independente do Congo: colonialismo europeu e olhares africanos (1885-1908)</i>
Juliana Bevilacqua <i>“Aos povos da Lunda e à sua História”: o significado do Museu do Dundo para os africanos.</i>	Letícia Góes <i>Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra e Antes de nascer o mundo: a experiência da vida nos percursos de Marianinho e Mwanito</i>	Ubiratã de Souza <i>Ualalapi, de Ungulani Ba Ka Khosa: ficção moçambicana e visualizações políticas</i>
Igor Carmo <i>Reflexão social e metafísica em Paulina Chiziane e Gonçalo M. Tavares: entrelaçamentos possíveis</i>	Ari Mascarenhas <i>A arte de contar histórias: uma poética da memória em Leite Derramado e Terra Sonâmbula</i>	Antonio Maia <i>Ruptura, Continuidade ou Agregação? Complexidade: Saberes endógenos, saberes exógenos e desenvolvimento local.</i>
Cristiane A. Moreira <i>O espaço entre o imaginativo e o factual: literatura e história nas venturas e desventuras de dois meninos pela Bahia, de Jorge Amado e a Angola, de Ondjaki</i>		Emiliano da Lima <i>O dia em que João Melo engoliu a pós modernidade</i>

13h15 – Confraternização

Índice

As Relações Brasil e África nos Marcos da Política Externa Independente (1961-1963): O Debate na Imprensa <i>Alexandre de Freitas Barbosa e Taiane de Lourenço Sbizera</i>	pg.07
As viagens do Conceição Esperança (1820-22) <i>José Flávio Motta</i>	pg.07
As elites africanas de contextos cosmopolitas <i>Leila Leite Hernandez</i>	pg.07
Medicina e escravidão nas dimensões do universo colonial: a América portuguesa e a África no século XVIII <i>Márcia Moisés Ribeiro</i>	pg.08
Dinâmicas históricas de um porto centro-africano: Ambriz entre as décadas de 1840 e 1870 <i>Maria Cristina Cortez Wissenbach</i>	pg.08.
Catolicismo e poder na África centro-ocidental, séculos XVI e XVII <i>Marina de Mello e Souza</i>	pg.09
Cultura material da África no Brasil: estudos de caso <i>Marta Heloísa (Lisy) Leuba Salum</i>	pg.09
Literatura e História: as literaturas africanas nos séculos XX e XXI <i>Rejane Vecchia da Rocha e Silva</i>	pg.10
Literatura e História: constituição das identidades nos países de língua oficial portuguesa <i>Rosângela Sarteschi</i>	pg.10
Literatura e experiência histórica nos países de Língua Portuguesa <i>Vima Lia de Rossi Martin</i>	pg.10
<u>Pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Leila Leite Hernandez</u>	
Brasileiros em Lagos: nação e identidades no contexto da independência <i>Angela Fileno</i>	pg.11
“À espera de uma embaixada”: interdições e incertezas diante da morte de um soberano nguni de Gaza (sul de Moçambique, 1884). <i>Gabriela Aparecida dos Santos</i>	pg.11
Luanda entre o Atlântico e o Kwanza: a circulação e as idéias de uma cidade em transformação (1890 – 1901) <i>Helena Wakim Moreno</i>	pg.11
Entre os jardins e os quintais. Uma vista d’olhos nas paragens do vale zambeziano no século XIX. <i>Marly Spacachieri</i>	pg.12

Amílcar Cabral: a palavra falada e a palavra vivida <i>Paulo Fernando Campbell Franco</i>	pg.12
As dimensões da resistência em Angóche: da expansão política do sultanato à política colonialista portuguesa no norte de Moçambique (1842-1910). <i>Regiane Augusto de Mattos</i>	pg.13
Os assimilados e o desenvolvimento do nacionalismo em Angola (1930-1961). <i>Washington Santos Nascimento</i>	pg.13
<u>Pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach</u>	
Caravanas e expedições: trabalhadores do comércio de longa-distância na África centro-ocidental (século XIX) <i>Elaine Ribeiro da Silva dos Santos</i>	pg.14
Ao sul da fronteira cimarrón: O processo de redução do maniel de Neiba na Ilha de Española (1782-1795) <i>Elisângela Mendes Queiroz</i>	pg.14
Moçambique na literatura de viagem do século XIX <i>Juliana de Paiva Magalhães</i>	pg.14
Os Macondes na construção da identidade nacional moçambicana: um estudo sobre arte, cultura e política (séculos XX - XXI) <i>Lia Dias Laranjeira</i>	pg.15
A Cupópia da Puíta: tambores de fricção nas musicalidades do Atlântico Negro (sécs. XIX e XX) <i>Rafael Benvindo Figueiredo Galante</i>	pg.15
O Estado Independente do Congo: colonialismo europeu e olhares africanos (1885-1908) <i>Rosana A. Gonçalves</i>	pg.15
<u>Pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Marina de Mello e Souza</u>	
Guerra e aliança na África Centro-Occidental: os jagas e sua importância no espaço atlântico (séculos XVI-XVII) <i>Alec Ichiro Ito</i>	pg.16
Cativeiro e cura: práticas rituais africanas e as margens da liberdade no Atlântico Português, século XVIII <i>Alexandre A. Marcussi</i>	pg.16
Ventura e Desventura no Rio Ribeira de Iguape <i>Gabriela Segarra Martins Paes</i>	pg.17
“Aos povos da Lunda e à sua História”: o significado do Museu do Dundo para os africanos. <i>Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua</i>	pg.17
Comensalidade e Alimentação: práticas culturais e cotidiano no espaço brasileiro e africano <i>Lilian Lisboa Miranda</i>	pg.18

A veste da imortalidade: um estudo sobre o sacramento do batismo no Império português <i>Michelle Comar</i>	pg.18
A África por ela mesma: reflexões sobre a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO). <i>Muryatan Santana Barbosa</i>	pg.18
Poder Político e Catolicismo no Reino do Congo. Século XVIII. (1769-1795) <i>Thiago Clemêncio Sapede</i>	pg.18
<u>Pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Marta Heloísa Leuba Salum</u>	
A Arqueologia da África através dos editoriais: uma análise dos discursos arqueológicos de africanos e africanistas nos boletins especializados <i>Agatha Rodrigues da Silva</i>	pg.19
Aspectos das coleções africanas em museus revelados pela arqueologia <i>Mara Rodrigues Chaves</i>	pg.19
A travessia atlântica de árvores sagradas: Estudos de paisagem e arqueologia do presente em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT <i>Patrícia Marinho de Carvalho</i>	pg.19
<u>Pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva</u>	
Trinta Anos de Ficção (1975-2005): <i>Terra Sonâmbula, O último vôo do Flamingo e O outro pé da sereia</i> <i>Alessandra Braghini Pardini</i>	pg.20
O dia em que João Melo engoliu a pós modernidade <i>Emiliano Augusto Moreira da Lima</i>	pg.20
Vozes femininas de Moçambique: Ventos do apocalipse e Niketche:uma história de poligamia. <i>Ianá Souza Pereira</i>	pg.20
A literatura angolana contemporânea: estratégias discursivas do escritor João Melo <i>Karla Ribeiro Silva</i>	pg.21
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra e Antes de nascer o mundo: a experiência da vida nos percursos de Marianinho e Mwanito <i>Letícia de Souza Góes</i>	pg.21
As Vozes adormecidas de Mia Couto: o foco narrativo e o conceito de tradição. <i>Marianna Zaroni Parro</i>	pg.21
Imbricações entre o ethos poético e o materialismo histórico na formação do romance moçambicano <i>Rodrigo de Oliveira Antonio</i>	pg.22
A lei 10.639 e a literatura moçambicana: perspectivas e aplicação <i>Stela Saes</i>	pg.22

Ualalapi, de Ungulani Ba Ka Khosa: ficção moçambicana e visualizações políticas
Ubiratã Roberto Bueno de Souza.....pg.22

Pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Rosangela Sarteschi

O espaço entre o imaginativo e o factual: literatura e história nas venturas e desventuras de dois meninos pela Bahia, de Jorge Amado e a Angola, de Ondjaki.
Cristiane Aparecida Francisca Moreirapg.23

Reflexão social e metafísica em Paulina Chiziane e Gonçalo M. Tavares: entrelaçamentos possíveis
Igor Fernando Xanthopulo Carmo.....pg.23

Do trapiche às cubatas, a infância que não foi: uma análise comparatista entre Capitães da Areia, de Jorge Amado, e A Cidade e a Infância, de Luandino Vieira.
Juliana Cristina Cápuia Dourado.....pg.24

Leitura na Literatura
Maria Paula de Jesus Correapg.24

Pesquisadores orientados pela Profa. Dra. Vima Lia de Rossi Martin

A arte de contar histórias: uma poética da memória em Leite Derramado e Terra Sonâmbula.
Ari Mascarenhas.....pg.24

O narrador múltiplo em Nosso Musseque, de Luandino Vieira
Janete Barbosa de Oliveirapg.25

Um mundo dividido em dois: uma leitura de Cadernos de memórias coloniais, de Isabela Figueiredo
Louise Monteiro Bonassi.....pg.25

Ruptura, Continuidade ou Agregação? Complexidade: Saberes endógenos, saberes exógenos e desenvolvimento local. (Orientação de Prof. Dr. Kabengele Munanga.)
Antonio Alone Maiapg.25

O contato entre a população rural do norte de Moçambique e o agronegócio brasileiro. (Orientação da Profa. Dra. Valéria de Marcos.)
Ruy Monteiropg.26

Resumos

Alexandre de Freitas Barbosa e Taiane de Lourenço Sbizzera

IEB

As Relações Brasil e África nos Marcos da Política Externa Independente (1961-1963): O Debate na Imprensa

Partindo do acervo de José Honório Rodrigues, no IEB/USP, apontar a mudança de orientação da política externa brasileira, iniciada no governo Jânio Quadros, que pela primeira vez buscou uma aproximação com os países africanos. O objetivo da pesquisa é mapear esta ruptura da política externa da época e os debates suscitados na imprensa da época, os quais revelam os posicionamentos sobre tal tema por parte dos vários segmentos políticos e ideológicos da nação. Interessantemente, a aproximação com a África foi um dos principais temas da controvérsia.

José Flávio Motta

FEA

As viagens do Conceição Esperança (1820-22)

Nesta pesquisa utilizamos como principal fonte documental um conjunto de cartas enviadas pelo negociante paulista, também traficante de escravos, Antônio da Silva Prado (1788-1875), mais tarde Barão de Iguape. Tal fonte nos permite a análise da montagem da operação do comércio da mercadoria humana e o seu resultado. As cartas referem-se, basicamente, às duas viagens a Moçambique do navio negreiro N. S. Conceição Esperança, ambas realizadas no início da década de 1820 a partir do porto de Santos. Mantendo constante diálogo com a historiografia, nossa análise demonstra a complexidade da operação e a vasta rede de relações estabelecidas para a realização do empreendimento. Por fim, tecemos alguns comentários acerca do tratamento dispensado aos escravos, da elevada mortalidade nas viagens do Conceição Esperança, bem como acerca dos ganhos passíveis de serem auferidos naquele grande negócio, envolvendo pessoas e interesses desde o interior do continente africano até o planalto americano.

Leila Leite Hernandez

História

As elites africanas de contextos cosmopolitas

Esta comunicação se refere a minha pesquisa sobre as elites africanas de contextos cosmopolitas que por sua circulação internacional participaram de um universo de referências culturais e políticas comuns, manifesto em discursos ligados aos temas próprios da formação do nacionalismo anticolonial. Mais do que as elites em trânsito interessam as estabelecidas nas colônias sob a dominação portuguesa e, portanto, implicadas em processos de construção de identidades e formação do Estado-Nação. Têm como eixo diálogos entre Amílcar Cabral, Léopold Senghor, Kwame Nkrumah e Sékou Touré estabelecidos em redes internacionais, onde ganharam destaque as várias acepções de desenvolvimento, cultura, unidade e nação.

Márcia Moisés Ribeiro
IEB

Medicina e escravidão nas dimensões do universo colonial: a América portuguesa e a África no século XVIII

A proposta em questão tem como objetivo maior acompanhar a produção de tratados médicos que circularam pelo universo colonial e escravista e pelo mundo atlântico no século XVIII. Conforme pode-se aferir de sua formulação, seja na forma de estudos sobre determinadas doenças ou epidemias, seja nos termos mais amplos de manuais de medicina para uso doméstico, destinados aos cuidados com da mão de obra escrava e africana, esse material adequava-se às novas maneiras de se conceber o corpo, a doença e a valorizar a administração do trabalho escravo. Apresentando-se em diferentes versões, circulavam entre cirurgiões e práticos, fazendeiros e donos de plantations, autoridades coloniais ou mesmo simples mercadores e donos de navios, interessados na preservação da mercadoria escrava.

Maria Cristina Cortez Wissenbach
História

Dinâmicas históricas de um porto centro-africano: Ambriz entre as décadas de 1840 e 1870

Na década de 1840, a movimentação do porto de Ambriz, bem como sua relação com a hinterlândia onde se localizava a capital do reino e a corte de seu dignitário, foi documentada por fontes variadas entre elas relatórios de autoridades portuguesas e narrativas de viajantes ligados aos empreendimentos europeus na costa. Sua característica de porto livre, a movimentação frequente de navios e a existência de dezenas de barracões nos quais se depositavam as mercadorias e se concentravam os interesses de comerciantes de diversas nacionalidades, provenientes de Luanda, do Rio de Janeiro e de Cuba, fizeram dele um dos grandes centros do comércio de escravos, de marfim, de cera e de urzela e outros produtos vindos do interior. Entre comerciantes e casas mercantis, as fontes fazem referência à de Manoel Pinto Fonseca, à de José Bernardino de Sá, além da presença de agentes norte-americanos, ingleses franceses, como os da firma Regis, grande compradora de marfim, além da casa de José Ribeiro dos Santos, cônsul português em Hamburgo, sobre o qual tive oportunidade de tratar em artigo recente (*Afro-Ásia*, 43, 2011, 43-90). À exceção de alguns estudos, sobretudo os de Susan Herlin (especialmente Herlin, 2004, 261-289), pouco se fala, no entanto dos intermediários africanos, notadamente dos representantes do reino denominados mafouks, responsáveis pelo setor africano (tal como nos demais centros de comércio desse setor norte da costa), como também das regras africanas desse comércio e às quais todos deveriam seguir -- tratados diplomáticos, visitas e presentes ao rei e pagamento de tributos -- além da presença de feiras africanas que mediavam a relação com o litoral, por exemplo, Quiballa. A partir das reflexões trazidas por uma investigação em curso e tendo como ponto de partida a interpretação de conjuntos documentais de natureza diversa, a intenção da pesquisa é a de jogar luz sobre a história dessa localidade africana, no sentido de recuperar a complexidade das relações mantidas entre sociedades africanas e mercadores atlânticos. Por ora, os caminhos da interpretação têm sido as trajetórias de europeus que acabaram elegendo a região como centro de seus interesses na África Central, em serviços prestados a firmas comerciais estrangeiras ou luandenses (Georg Tams e J. J. Monteiro), com vistas às matérias primas trazidas pelo comércio e uma intervenção já intensa na exploração das riquezas minerais e agrícolas africanas.

Marina de Mello e Souza
História

Catolicismo e poder na África centro-ocidental, séculos XVI e XVII

Os temas gerais com os quais venho trabalhando há vários anos dizem respeito às formas como o catolicismo foi integrado em determinados espaços e por certos segmentos sociais da África centro-ocidental nos séculos XVI e XVII. A minha perspectiva busca entender os processos de reinterpretação dos elementos católicos a partir dos sistemas cognitivos locais no que diz respeito aos aspectos culturais do tema, e os lugares que elementos do catolicismo ocuparam na reorganização de poderes locais a partir das transformações provocadas pela presença de europeus em terras africanas. Em termos conceituais estão presentes preocupações relativas às formas como diferentes culturas entraram em contato, e no que diz respeito à reconstrução histórica busco perceber como os poderes locais se relacionaram com as intenções de dominação dos portugueses e as possibilidades abertas por novos sistemas comerciais, nos quais os escravos logo ocuparam lugar de destaque. A pesquisa está centrada em parte da atual Angola, especificamente no que foi chamado, no período abordado, de Congo, Dongo e Matamba, pensada a partir de seus processos internos, mas de forma a articulá-los ao que ocorria no espaço maior da atuação dos portugueses no espaço atlântico.

Marta Heloísa Leuba Salum
MAE

Cultura material da África no Brasil: estudos de caso.

Sobre minha pesquisa venho refletindo: ela é determinada pelas demandas percebidas em minhas atividades de ensino-aprendizado – são estas que a modelam e a estimulam, e não ao contrário. Dou-me conta de que desde quando iniciei meus estudos sobre a África, para de então me dedicar à chamada “arte africana”, abri três frentes de trabalho sucessivas sem muito perceber que seriam para mim assim duradouras e passíveis de articulação. A primeira delas é a abordagem dos objetos etnográficos/arqueológicos do passado a partir do material com que foram confeccionados e no qual foram concebidos - que foi meu tema inicial. Vem depois a análise “etno-morfológica” inspirada em princípios da arqueologia articulados com outros da etnografia e da tradição oral – que vim a conhecer assim que passei a estudar coleções etnográficas propriamente ditas. Por último está o estudo de coleções africanas em museus na perspectiva da “antropologia ‘da arte’”, “do objeto” ou “da imagem” – que abarca elementos de iconografia histórica e outros concernentes a “visualidade” e “agência” como se tem atualmente a partir de várias disciplinas da humanística voltadas para o problema. Vejo daí que minha colaboração para a pesquisa de problemas africanos entre nós pode estar nessa discussão metodológica de que se revestem alguns estudos de caso sobre cultura material africana e afro-brasileira a que venho dedicando minha atenção.

Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Letras

Literatura e História: as literaturas africanas nos séculos XX e XXI

A pesquisa pretende desenvolver uma leitura crítica de obras de ficção de autores africanos não exclusivamente de língua portuguesa e que narram, documentam e recriam essencialmente experiências das diferentes realidades de países do continente africano. Portanto, a pesquisa inscreve-se no campo da crítica cultural interessada na avaliação da produção cultural na diversidade sócio-histórica peculiar, analisando, sob a perspectiva comparativista, suas interrelações. Encara-se, dessa forma, um largo campo de investigação, mediante a aproximação comparativa dos textos ficcionais e suas respectivas contextualizações históricas, e que pressupõe ainda o recurso a diferentes áreas disciplinares das Ciências Humanas e Sociais. Os textos ficcionais mantêm sua indiscutível autonomia no que diz respeito à representação simbólica, por meio das situações criadas e vividas pelas personagens que habitam cada página. No entanto, muito além de sua dimensão exclusivamente artística, tais textos também se dispõem sobretudo a defrontar-se com a realidade dos países africanos, não se restringindo, nessa medida, ao campo da ficção mas revelando-se, também, na dimensão do campo histórico, na medida em que esmiuçam a realidade de tais países e suas formas de inserção no universo das economias mundializadas e de mercado.

Rosângela Sarteschi

Letras

Literatura e História: constituição das identidades nos países de língua oficial portuguesa

Leitura e análise de textos literários produzidos ao longo do século XX e o início do XXI, que encenam formas de construção ou reconstrução identitária nos países de língua oficial portuguesa. A produção focada estabelece um processo de conhecimento/reconhecimento e de valorização das diferentes perspectivas e compreensões concernentes à formação e às configurações dessas sociedades, desconstruindo, assim, as significações e representações do cânone estabelecido. Um desdobramento desse projeto é examinar como essas produções literárias de forte vinculação com a construção identitária dessas sociedades e culturas são incorporadas ao Ensino de Literatura no âmbito da educação básica após aprovação da Lei 11.645/08 que prevê a introdução de história e cultura dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional nos currículos escolares.

Vima Lia de Rossi Martin

Letras

Literatura e experiência histórica nos países de Língua Portuguesa

Situando-se teoricamente no âmbito das relações entre literatura e sociedade, a pesquisa investiga modos e formas da representação da marginalidade social nas literaturas de língua portuguesa. Busca-se analisar prioritariamente obras em que a desigualdade e a violência se fazem emblemáticas de configurações sociais historicamente marcadas pelo autoritarismo e pela exclusão.

Angela Fileno

Profa. Dra. Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez

História

Brasileiros em Lagos: nação e identidades no contexto da independência

Apesar de brasileiro, ser o nome genérico aplicado àqueles que voltaram para África, essa não era a única designação dirigida a esses indivíduos. Na atual Gana, eram os tabom e onde hoje se localiza a Nigéria, eram também chamados de agudás ou amarôs. A diversidade de nomes atribuídos às pessoas que, na Costa da Mina, construíram comunidades cujos signos de identificação se associavam ao Brasil, tornou-se o ponto de partida de minha pesquisa de mestrado que teve seus resultados apresentados na dissertação “Que eu vou na terra dos negros”: circularidades atlânticas e a comunidade brasileira na África, no ano de 2010. No decorrer dos anos que empreendi tal estudo, procurei compreender quem eram esses indivíduos que haviam partido do Brasil para iniciar uma nova vida do outro lado do Atlântico. Quais foram os contextos que encaminharam essas pessoas à outra margem do oceano? Como haviam construído, e mantido por tanto tempo, essa identificação com o Brasil? E, por último, por que a festa dedicada ao Senhor do Bonfim, e não outra, havia se tornado o sinal diacrítico de maior visibilidade dessa comunidade?

Com o objetivo de compreender como essa terceira geração de brasileiros contribuiu para o processo de independência da Nigéria pretendo, encadeado a esse contexto, melhor entender os processos pelos quais tais indivíduos reformularam seus sentidos de identificação em relação à sua própria comunidade. Atualizando os significados associados ao pertencimento à comunidade, minha pesquisa trabalha com a hipótese de que a identidade brasileira ora incorporava e valorizava elementos culturais africanos, ora mantinha seus pontos de diferenciação em relação às demais sociedades autóctones.

Gabriela Aparecida dos Santos

Profa. Dra. Leila Leite Hernandez

História

“À espera de uma embaixada”: interdições e incertezas diante da morte de um soberano nguni de Gaza (sul de Moçambique, 1884).

Associada à pesquisa de mestrado intitulada “Reino de Gaza: o desafio português na ocupação do sul de Moçambique (1821-1897)”, centrada na análise de como uma ordem política africana se contrapôs às iniciativas efetivas de colonização portuguesa no sul de Moçambique em 1895, a proposta da apresentação é refletir sobre como a morte de Muzila, em 1884, representou um momento de interdições e desequilíbrio da ordem social, capaz de fazer convergir os portugueses para a temporalidade nguni.

Helena Wakim Moreno

Prof. Dra. Leila Leite Hernandez

História

Luanda entre o Atlântico e o Kwanza: a circulação e as idéias de uma cidade em transformação (1890 – 1901)

A presente pesquisa procura tratar de diálogos e reivindicações que despontam no seio da imprensa crioula de Luanda na última década do século XIX. Ativa na cidade desde a década de 1860, na virada do século a imprensa da cidade assume um tom mais radical quando o periódico Gazeta de Loanda publica em 1901 o discurso do deputado pelas cortes Dantas Baracho, Contra a ley, pela grey. Neste artigo, além de opiniões consideradas vulgares para época acerca da inferioridade do negro, o deputado defendia que as penas aplicadas a qualquer crime não deviam ser as mesmas para brancos e negros. Diversos jornais crioulos que circulavam na cidade apresentaram artigos criticando as escrituras do deputado, dando início a um intenso debate na elite intelectual cidade. Contudo a mais assertiva das respostas veio na forma de um livro. Voz d’ Angola clamando no deserto – oferecido aos amigos da verdade pelos naturaes, publicado também em 1901, foi distribuído junto com o primeiro número do Almanach – Ensaios Literários. Tida com grande marco

na literatura angolana, *Voz d' Angola clamando no deserto* foi a primeira obra coletiva composta inteiramente por crioulos. Publicado anonimamente, o livro é constituído por onze artigos editados em diversas partes do país que discutem a crescente diferença com que eram tratados colonizadores e colonizados no âmbito jurídico.

O objetivo da pesquisa é mapear a argumentação dos autores nas escrituras, bem com suas referências intelectuais, percebendo como o discurso metropolitano é subvertido por esses autores, para uma leitura particular da realidade e que buscava resistir a alguns aspectos do domínio colonial.

Marly Spacachieri

Profa. Dra. Leila Leite Hernandez

História

Entre os jardins e os quintais. Uma vista d'olhos nas paragens do vale zambeziano no século XIX.

Durante o período em que me dediquei às leituras para a formulação da dissertação de mestrado sobre as *Gentes do Jardim, Gentes do Quintal – África oriental portuguesa dos finais do XIX* senti uma tipo de “lacuna” acerca das imagens disponíveis sobre a época. Explico: os relatos dos viajantes, alguns entusiasmados e outros nem tanto, os escritos dos administradores coloniais e mais um tanto de redações sobre povos, usos, costumes, climas e por aí afora davam conta de uma série de minúcias sobre a África oriental portuguesa dos tempos abordados, mas – e o que me pareceu perigosamente imperativo – homogeneizava as imagens de suas gentes, ao mesmo tempo em que os seus usos e costumes ficavam incrustados em cenários exóticos e justificados de maneira caricata. Apropriado lembrar-se que a difusão dos conceitos evolutivos postulados na mesma época pelo cientista inglês Charles Darwin (1809-1882), referentes à seleção natural das espécies, ajudou a embasar muitas das concepções colonialistas, as quais se apropriaram da então explicação científica inquestionável da necessidade e legitimidade da dominação de uma espécie, a do homem branco, frente à diversidade das demais existentes na natureza. Uma fala, diga-se de passagem, extremamente útil para os colonialismos dos XIX. Exemplos podem ser obtidos e demonstrados por via da literatura e que muitas vezes estão claramente expostos em documentos oficiais; ambos os casos como justificativas humanitárias, além de científicas, para os mandos e desmandos dos interesses de grupos e governantes da então sociedade colonialista. Os relatos, discursos e relatórios que fui encontrando transformavam tudo e todos num único bloco, o da doutrina colonial europeia, onde a missão civilizatória de Portugal destacava que seus territórios ultramarinos necessitavam “ser civilizados”. Atualmente meu foco de atenção se dá pela obtenção de maiores conhecimentos sobre as origens dos achicunda do e no vale do Zambeze, notadamente os de Maganja da Costa.

Paulo Fernando Campbell Franco

Profa. Dra. Leila Leite Hernandez

História

Amílcar Cabral: a palavra falada e a palavra vivida

O estudo busca analisar o pensamento e a prática social de Amílcar Cabral, de 1945 a 1973. Propõe identificar as textualidades da escrita e da história, destacando as modificações do pensamento do líder voltadas para a mobilização e a organização das populações de Cabo Verde e da Guiné Portuguesa.

Regiane Augusto de Mattos
Profa. Dra. Leila Leite Hernandez
História

As dimensões da resistência em Angoche: da expansão política do sultanato à política colonialista portuguesa no norte de Moçambique (1842-1910).

A presente pesquisa tem por objetivo examinar a formação da coligação de resistência organizada, no final do século XIX, por chefes de Angoche, Sangage, Sancul e Quitangonha, dos grupos macua-imbamela e namarraís, às interferências da política colonialista portuguesa no norte de Moçambique. Esses chefes efetuaram vários ataques aos postos administrativos e militares portugueses, postergando a ocupação efetiva daquele território até 1910. O principal objetivo da coligação era a preservação da autonomia política, ameaçada pelas iniciativas de ocupação territorial e pela instituição de mecanismos coloniais, como o controle do comércio e da produção de gêneros agrícolas, a cobrança de impostos e o trabalho compulsório. Os participantes da coligação estavam inseridos num complexo de interconexões gerado pelas múltiplas relações estabelecidas por meio dos “espaços” políticos, culturais, religiosos e de trocas comerciais, que envolviam não apenas as sociedades islâmicas da costa, as do interior e as do “mundo suaíli”, como o sultanato de Zanzibar, as ilhas Comores e Madagascar, mas também indianos, portugueses, ingleses e franceses. Essas relações eram definidas pelo parentesco, pela doação de terra, pela religião islâmica e pelos contatos comerciais. Essas conexões facilitaram a formação da coligação de resistência no final do século XIX.

Washington Santos Nascimento
Profa. Dra. Leila Leite Hernandez
História

Os assimilados e o desenvolvimento do nacionalismo em Angola (1930-1961).

Esse trabalho pretende estudar o desenvolvimento do nacionalismo em Angola à partir das histórias de vida de angolanos que conseguiram o estatuto de assimilados junto à administração colonial. Defende-se a tese de que o nacionalismo angolano teve seu desenvolvimento, entre os anos de 1930 à 1961, mais como um movimento assimilado do que como um movimento africano. Para fazer esse trabalho utilizaremos as memórias desses personagens ou de seus descendentes, escritas em livros de memórias ou em depoimentos dados ao longo da segunda metade do século XX. Além disso em romances e contos, que tragam no delineamento de seus personagens e histórias traços memorialísticos.

O marco temporal (1930 – 1961) foi escolhido por se tratar do assimilado uma construção jurídica do Estado Português, que ganha uma maior importância durante o Estado Novo português e seu ato colonial de 1930 e chega ao fim com a revogação do Estatuto Político, Civil e Criminal de Angola e Moçambique (O Estatuto do Indigenato) no ano de 1961. Essa é a época em que a política de assimilação colonial fora colocada como prioridade pelo governo português, tempo da emergência do nacionalismo e dos movimentos anti-colonialistas angolanos. Entretanto é importante salientar, lembrando aqui Cristine Messiant (1989, p. 132) de que mesmo depois da abolição do indigenato é como assimilado ou como indígena que ainda se definiam os colonizados.

Elaine Ribeiro da Silva dos Santos
Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach
História

Caravanas e expedições: trabalhadores do comércio de longa-distância na África centro-ocidental (século XIX)

O tema do trabalho africano, privilegiado neste projeto, faz parte de um percurso de pesquisa que venho seguindo desde a época da graduação cursada no departamento de História da FFLCH-USP e sempre sob a orientação da professora doutora Maria Cristina Cortez Wissenbach: na pesquisa de iniciação científica, o estudo de grupos de canoeiros atuantes na região do Golfo do Benim, na época do tráfico atlântico de escravizados, e no período do mestrado, a análise de grupos de carregadores que participaram da expedição do major português Henrique de Carvalho à Lunda, na África centro-ocidental. Assim, a atual proposta em nível de doutorado visa dar continuidade a este conjunto de investigações sobre o trabalho africano. De modo amplo, promover um estudo do comércio de longa distância organizado pelas sociedades da África centro-ocidental, no século XIX, por meio dos relatos de viagem, da documentação administrativa portuguesa relacionada a Angola e dos arquivos dos poderes africanos locais. De modo específico, atentar para os elementos organizadores das caravanas e expedições participantes do comércio da região: chefias, comerciantes, produtos, bilhetes de passagem, contratos de comércio e de serviços e grupos de carregadores africanos especializados no transporte das mercadorias, como songos e shinjes, os quais se destacaram em nosso estudo sobre a expedição portuguesa realizada por Henrique de Carvalho à Luanda.

Elisangela Mendes Queiroz
Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach
História

Ao sul da fronteira cimarrón: O processo de redução do maniel de Neiba na Ilha de Española (1782-1795)

Em nossa dissertação, buscamos, por meio da análise do processo de redução do maniel de Neiba, desatar uma pequena parte da emaranhada trama que compõe a história do Mundo Atlântico na segunda metade do século XVIII. Ocupando a brecha formada pelo choque dos projetos coloniais díspares dos Impérios espanhol e francês para a Ilha de Española, os cimarrones do maniel de Neiba mobilizaram uma rede de interesses, cumplicidades e solidariedades que lhes permitiu empreender um projeto de liberdade que buscava reunir as benesses de uma vida tutelada com a autonomia que haviam conquistado na Serra do Baoruco, fronteira sul entre as colônia de Santo Domingo e Saint Domingue.

Juliana de Paiva Magalhães
Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach
História
Moçambique na literatura de viagem do século XIX

A partir de pesquisa de mestrado cujo objetivo era compreender a dinâmica do comércio de escravos entre os territórios do atual Moçambique e o Vale do Paraíba paulista na primeira metade do século XIX, novas questões e temáticas surgiram por meio do contato com a bibliografia e fontes primárias atinentes aquela região africana.

Pretendemos nesta apresentação detalhar o percurso pelo qual elaboramos o projeto de pesquisa de doutorado. Partimos do pressuposto que os relatos de viagens elaborados ao longo do Oitocentos nos fornecem informações históricas detalhadas acerca das sociedades afro-orientais e, portanto, servem de ensejo para que sejam compreendidos importantes eixos temáticos acerca daquelas populações.

Lia Dias Laranjeira
Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach
História

Os Macondes na construção da identidade nacional moçambicana: um estudo sobre arte, cultura e política (séculos XX - XXI)

A presente proposta de investigação tem como foco a história do grupo étnico dos macondes de Moçambique (África Oriental) e sua trajetória entre os séculos XX e XXI com o intuito de ressaltar a perspectiva da resistência e do combate ao colonialismo desse grupo, bem como sua participação no processo de independência do país. O projeto tem como preocupação entender a ressonância dos movimentos históricos na constituição de uma identidade maconde e a maneira pela qual ela se expressa em manifestações artísticas e culturais, e se extrapola para a constituição de uma identidade nacional. As principais referências para a pesquisa são (1) documentos e publicações do período colonial: em especial aqueles produzidos pelos administradores coloniais, funcionários da administração colonial (como os funcionários da PIDE), membros da FRELIMO, etnólogos e antropólogos; (2) informantes-chaves: Reinata Sadimba, Matias Ntundo (ambos artistas e integrantes da FRELIMO na luta pela libertação de Moçambique) e ex-combatentes da FRELIMO envolvidos com a organização e execução da dança mapiko em Maputo; (3) e, finalmente, as próprias manifestações/produções artísticas e culturais do grupo citado.

Rafael Benvindo Figueiredo Galante
Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach
História

A Cupóia da Puíta: tambores de fricção nas musicalidades do Atlântico Negro (sécs. XIX e XX)

Este projeto consiste no estudo da diáspora atlântica dos tambores de fricção centro-africanos. Tendo como eixo central a história da cuíca brasileira, o projeto propõe entender o papel dos tambores de fricção africanos no desenvolvimento das musicalidades afro-americanas, buscando as negociações e conflitos que permearam suas transformações tanto no plano material quanto imaterial da cultura. Assim, busca-se historicizar de que maneira as transformações musicais, rituais, materiais e simbólicas no uso e função desses instrumentos pode revelar aspectos fundamentais da história social das culturas desenvolvidas por africanos e seus descendentes nas comunidades da diáspora.

Com este fim, o projeto propõe também um estudo comparativo sobre a história dos tambores de fricção em Cuba e em São Tomé e Príncipe. O projeto busca assim, ampliando as fronteiras de pesquisa, romper com uma retórica nacionalista e folclorística que, consolidada no Brasil, impediu durante muito tempo uma discussão aprofundada da história social da cultura afro-brasileira no contexto da diáspora afro-atlântica. O projeto tem como fontes relatos de viajantes, crônicas missionárias, etnografias, discos, filmes, estudos de folclore e etnomusicologia e espera-se também numa segunda fase do projeto o uso da tradição oral.

Rosana A. Gonçalves
Profa. Dra. Maria Cristina Cortez Wissenbach
História

O Estado Independente do Congo: colonialismo europeu e olhares africanos (1885-1908)

O Estado Independente do Congo foi oficialmente criado por meio de um decreto real assinado por Leopoldo II, rei da Bélgica, em 29 de maio de 1885. Sua formação não foi, no entanto, um processo simples, foram muitos os acordos firmados entre países europeus como França, Inglaterra, Alemanha e Bélgica, mas também entre a Associação Internacional Africana e diversas autoridades africanas da região da bacia do Congo. Embora os tratados devidamente assinados tenham composto um arsenal burocrático que serviu para o monarca belga demarcar o território africano sob sua tutela, isso não retirou a autoridade política dos chefes locais. Nesse sentido, pretendemos analisar o impacto dessa demarcação territorial frente a um território no qual já se faziam presentes múltiplas e variadas soberanias, decorrentes de autoridades

centralizadas ou não, propondo privilegiar o contexto africano e destacando a complexidade de um movimento histórico para além da visão oficial dos europeus e de seus interesses

O recorte cronológico do presente estudo inicia-se em 1885, quando da formação do Estado Independente do Congo, até 1908 quando este se transformou efetivamente numa colônia da Bélgica, administrada pelo seu parlamento. O período de 23 anos entre um fato e outro foi marcado pela exploração de vários produtos – sobretudo o marfim e a borracha - e pela intensa exploração da mão de obra africana, o que garantiu vultosos lucros a alguns poucos envolvidos, especialmente a Leopoldo II. Por isso mesmo, não foram poucas as oposições ao tipo de administração imposta no Congo e as denúncias feitas não só por meio de matérias dos jornais da época, mas também publicações de escritores bem conhecidos. Nesses textos encontram-se registrados depoimentos de africanos, cartas e relatórios de autoria de funcionários locais que, na perspectiva de uma avaliação histórica, podem servir como fontes documentais importantes. Além dessas peças acusatórias, depoimentos foram recolhidos pela Comissão de Inquérito de 1905, criada em razão das pressões que Leopoldo II recebia dos organismos internacionais. Tendo como base esses registros, é possível identificar movimentos diversos de resistência africana, seja contra o movimento colonialista em si, seja os que foram motivados por uma reivindicação pontual. As diversas frentes de oposição renderam um corpus documental ainda pouco utilizado que permitirá investigar a divergência africana ao processo de colonização em suas diferentes vertentes - política, social e cultural.

Alec Ichiro Ito

Profa. Dra. Marina de Mello e Souza

História

Guerra e aliança na África Centro-Occidental: os jagas e sua importância no espaço atlântico (séculos XVI-XVII)

A presente pesquisa tem como intuito estudar o papel e a importância que os bandos jagas, grupos de guerreiros que viviam da pilhagem e em constante movimento pela África Central, tiveram durante a invasão portuguesa do Ndongo, reino africano que se estendia do Rio Bengo até a foz do Rio Kwanza, região que atualmente integra a República de Angola.

Entre o final do século XVI e início do século XVII, após invadir essa porção do continente africano, Portugal introduziu um governo estrangeiro dentro dos limites territoriais do Ndongo, que passou a ser chamado de Reino de Angola, ou região da conquista de Angola, pela documentação lusitana. A partir de então, a conquista se tornou ponto de partida para a penetração do interior do continente, o que foi de suma importância para o desenvolvimento do tráfico de escravos e ampliação do comércio atlântico.

Ao final dessa investigação, espera-se elucidar um pouco mais sobre como decorreu a dinâmica de alianças entre os Portugueses e os povos africanos durante a conquista portuguesa, processo que se estabilizou apenas no início do século XVIII.

Alexandre A. Marcussi

Profa. Dra. Marina de Mello e Souza

História

Cativeiro e cura: práticas rituais africanas e as margens da liberdade no Atlântico Português, século XVIII

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os sentidos associados à prática dos calundus, como eram denominados genericamente os ritos mágico-religiosos com funções curativas e divinatórias realizados por africanos na América Portuguesa entre os séculos XVII e XVIII. A análise terá como foco o percurso de Luzia Pinta, alforriada de origem angolana que residia em Sabará e que foi processada pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa no ano de 1742 sob a acusação de feitiçaria. A análise de inspiração micro-histórica de sua trajetória procurará apreender os múltiplos significados relacionados aos calundus para diferentes agentes em diversos espaços geográficos e institucionais do Império Português.

Pretendo evidenciar como os calundus se constituíram como lugar simbólico no qual cativos africanos, membros do clero e colonos negociaram os termos da conversão religiosa dos africanos para o catolicismo e sua inserção em um universo cultural e social estruturado pela instituição da escravidão. A partir de uma

abordagem atlântica, buscarei apreender como se articulavam entre si as respostas e atitudes elaboradas por vários agentes históricos, com destaque para os próprios africanos escravizados, para missionários na África e para os agentes da Inquisição portuguesa. Tenho especial interesse em apreender como as práticas religiosas africanas constituíram um recurso para que os escravos expressassem sua compreensão e suas perspectivas acerca do papel que ocupavam no mundo escravista.

Gabriela Segarra Martins Paes
Profa. Dra. Marina de Mello e Souza
História
Ventura e Desventura no Rio Ribeira de Iguape

Esta pesquisa abordará a importância do Rio Ribeira de Iguape para a história da região banhada por suas águas. Percorrido desde o século XVI, suas margens e águas foram revolvidas por bandeiras em busca de ouro. Riquezas minerais foram extraídas próximo às suas cabeceiras, no atual município de Apiaí, e no Médio Ribeira, nos atuais municípios de Eldorado e Iporanga, durante os séculos XVII e XVIII. No século XIX, no Médio Ribeira e no Baixo Ribeira (Iguape), os terrenos alagadiços do rio Ribeira e seus afluentes foram ocupados pela cultura do arroz. Como a região era mal-abastecida de estradas, o rio Ribeira era o caminho natural das pessoas e mercadorias que transitavam entre a região do Alto Ribeira e o porto de Iguape. Culturalmente, o rio Ribeira também foi apropriado pelas populações da região, que inscreveram em suas águas crenças e mitos. As águas do rio Ribeira eram usadas em práticas de adivinhação e cura. Entre os mitos, destaca-se o negro d'água - habitante do fundo do rio Ribeira. Os santos relacionados ao rio Ribeira também são muito prestigiados. Trazida pelas ondas do mar em 1647, a Imagem do Senhor Bom Jesus de Iguape foi lavada no rio Ribeira e, desde então, romarias acontecem todos os anos em seu louvor. Outros santos também são lembrados e homenageados em procissões fluviais no rio Ribeira, como Nossa Senhora do Livramento, em Iporanga, e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, em Eldorado. Assim, além da importância no sentido material, o rio Ribeira também apresenta uma relevante importância simbólica.

Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua
Profa. Dra. Marina de Mello e Souza
História

“Aos povos da Lunda e à sua História”: o significado do Museu do Dundo para os africanos.

Sob o lema “Aos povos da Lunda e à sua História”, foi fundado, em 1936, o Museu do Dundo, uma iniciativa da Companhia de Diamantes de Angola (Diamang) na Lunda. O museu tinha como objetivo, não apenas preservar o modo de vida e a cultura material dos povos dessa região de Angola antes que as ações do colonialismo (e, portanto, da própria Companhia) extinguissem a “vida tradicional” dessas populações, mas também possibilitar que os nativos “revivessem nele suas tradições”. Resumidamente, a pesquisa pretende compreender qual significado o Museu do Dundo teve para os povos da Lunda. Significado este que permitiu que ações, cujos africanos tiveram papel fundamental, como a constituição de uma Aldeia Museu e as expedições de recolha de objetos fossem bem sucedidas, mesmo tendo em vista, por exemplo, que muitos dos artefatos recolhidos eram aparentemente representativos para as culturas dessa região de Angola, como insígnias de poder e estatuetas de ancestrais.

A documentação a ser pesquisada, relativa à Diamang e ao Museu do Dundo, está alocada tanto em Angola quanto em Portugal. Desde os anos 80, após a liquidação da Companhia de Diamantes de Angola, grande parte da documentação está preservada no Museu Antropológico da Universidade de Coimbra. Parte da documentação está no Museu do Dundo, atualmente em processo de reabertura ao público. São cartas, fotografias, relatórios mensais e anuais tanto da Diamang quanto do Museu do Dundo, além da série de Publicações Culturais da Companhia.

Lilian Lisboa Miranda

Profa. Dra. Marina de Mello e Souza

História

Comensalidade e Alimentação: práticas culturais e cotidiano no espaço brasileiro e africano

Essa pesquisa tem como objetivo central investigar o papel da circularidade de alimentos, saberes e técnicas culinárias, as práticas de comensalidade e as funções sociais das refeições em meio ao intercâmbio de práticas culturais que se processou no universo alimentar entre o Brasil e a África bantu, no período compreendido entre fins do século XVIII e meados do século XIX. As fontes utilizadas na investigação serão, especialmente, as produzidas por viajantes e naturalistas que estiveram nos dois continentes e puderam registrar aspectos cotidianos das práticas alimentares presentes nos dois continentes.

Michelle Comar

Profa. Dra. Marina de Mello e Souza

História

A veste da imortalidade: um estudo sobre o sacramento do batismo no Império português

Com o projeto de expansão europeu pelo mundo a questão do batismo assumiu uma dimensão nunca antes conhecida – pela quantidade de novos povos a serem cristianizados e pela qualidade das reflexões sobre a própria natureza do sacramento. Em consonância com a perspectiva histórico-religiosa interessa então perguntar sobre os mecanismos que possibilitaram os contatos, as trocas, bem como o arranjo semântico estabelecido no decorrer de séculos de mediação cultural, no Império português, por meio das práticas e rituais que envolveram o batismo. Ao pensar o processo que se encontra entre a teoria religiosa e a prática catequética fica a questão: como se dava o processo de conversão dos pagãos no Império português? Como o sacramento do batismo se estabelece como a via privilegiada para a mudança do status que transformava o gentio em filho de Deus? O condenado à morte eterna em candidato à salvação? O que de fato representava renascer em uma nova religião por meio do sacramento oferecido a Jesus por João Batista nas águas do rio Jordão? E mais: como, nas diferentes situações de contato, em diferentes épocas, frente a diferentes conjunturas sociais e culturais, os universos simbólicos que envolviam diferentes crenças, mitos e rituais foram relidos e resignificados para continuar e dar sentido a uma nova realidade?

Muryatan Santana Barbosa

Profa. Dra. Marina de Mello e Souza

História

"A África por ela mesma: a perspectiva africana na *História Geral da África* (UNESCO)".

Esta tese traz uma análise da "perspectiva africana" na coleção *História Geral da África* (UNESCO), recentemente relançada no Brasil. Para isto, se baseia no exame da história institucional do projeto e da escrita da história ali presente, em seus oito volumes. A partir de tal investigação apresenta-se uma síntese das abordagens que caracterizam tal "perspectiva africana", enquanto prerrogativa historiográfica para o estudo da história da África.

Thiago Clemêncio Sapede

Profa. Dra. Marina de Mello e Souza

História

Poder Político e Catolicismo no Reino do Congo. Século XVIII. (1769-1795)

O objetivo desta pesquisa é debater o lugar e importância dos elementos do catolicismo nas práticas políticas no reino do Congo nas última quatro décadas do século XVIII. Evitamos lidar com tais elementos através de uma ideia de simples incorporação ou imposição cultural, que seria um equívoco tratando-se da complexidade do processo histórico do reino do Congo. Nosso olhar direciona-se para a agência histórica dos

congoleses, sobretudo das elites políticas, compreendendo este cristianismo como ferramenta da manutenção do poder político e como um pilar essencial para a conformação de uma identidade política congoleza no século XVIII. A presente pesquisa tem por base documental três relações missionárias datadas do período que vai de meados ao fim do Século XVIII, que serão as principais fontes dessa dissertação. Além de um conjunto de correspondências trocadas entre missionários, elites congolezas e autoridades lusas durante o período em questão.

Agatha Rodrigues da Silva
Profa. Dra. Marta Heloísa Leuba Salum
MAE

A Arqueologia da África através dos editoriais: uma análise dos discursos arqueológicos de africanos e africanistas nos boletins especializados

Com esta comunicação apresentamos uma preocupação que deu origem ao nosso projeto de mestrado sobre o periódico científico como documento da história da Arqueologia da África e sobre a África. Para tanto, analisaremos os editoriais produzidos entre 1987 e 1993 em três boletins especializados: *The South African Archaeological Bulletin*, *Nyame Akuma* e *Nsi*. Trata-se de como dimensionar o papel dos arqueólogos africanos e africanistas em face dos processos históricos do continente africano após as independências. Nosso objetivo é desenvolver uma reflexão sobre a esfera de atuação política e social dos arqueólogos e na construção do conhecimento arqueológico no final do século XX.

Mara Rodrigues Chaves
Profa. Dra. Marta Heloísa Leuba Salum
MAE

Aspectos das coleções africanas em museus revelados pela arqueologia

Esta comunicação tem como objetivo trazer as contribuições das pesquisas da arqueologia africana para o entendimento da cultura material da África apresentada em instituições museológicas. A coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP começou a ser formada a partir do viés arqueológico, ao se pensar na influência da África Negra e na relevância dos achados arqueológicos, sua tecnologia e continuidade estética, conforme aponta Mariano Carneiro da Cunha, apoiado nas análises de Willett (1971). Essa característica nos levou a tomar como referência principal as suas coleções africanas e um exemplo da potencialidade desse acervo é a coleção de jóias e em específico a coleção de objetos de bronze da associação Ogboni, que embora não sejam obtidas de escavações, remete a tradição da metalurgia, ao mesmo grau de elaboração formal e técnica do “processo de cera perdida”, atribuído à arte de Ifé ou a de Benin. A arqueologia desempenhou um papel importante na formação das coleções da cultura material da África subsaariana nos museus europeus durante o período colonial, que refletiu na maneira como o acervo foi criado e exposto. Em vários países do continente africano estas pesquisas estão relacionadas com a sua independência e à criação de universidades e museus nacionais (POSNANSKY in MOKHTAR, 2010, p.804). A nossa preocupação é trazer informações sobre o contexto original dos artefatos salvaguardados nos museus, e por consequência, da sociedade a qual ele representa.

Patrícia Marinho de Carvalho
Profa. Dra. Marta Heloisa Leuba Salum
MAE

A travessia atlântica de árvores sagradas: Estudos de paisagem e arqueologia do presente em área de remanescente de quilombo em Vila Bela/MT

A travessia atlântica de árvores sagradas, de fato aconteceu em ramos, sementes ou em memória. E foi esta travessia simbólica de conhecimento trazida na mente dos africanos que cruzaram o oceano Atlântico, o caminho escolhido para realizarmos um exercício acadêmico, que possibilitou o uso de ferramentas

metodológicas da arqueologia da paisagem e da etnoarqueologia, pautadas pela perspectiva da Arqueologia da Diáspora Africana. A pesquisa foi desenvolvida no remanescente de Quilombo do Boqueirão, em Vila Bela da Santíssima Trindade, no estado do Mato Grosso. Um dos objetivos da pesquisa foi contribuir para a inserção dos estudos afro-brasileiros no campo da arqueologia. No estudo, transitamos entre terreiros e quilombos, territórios negros de resistência ao sistema colonial opressor. A cultura material, analisada não apenas, mas principalmente por meio do ecofato, é privilegiada, pois nos ofereceu a possibilidade de interpretar elementos da reorganização do sistema cognitivo afro-brasileiro, a partir dos próprios sujeitos desse sistema, procurando apreender suas percepções a cerca da paisagem.

Alessandra Braghini Pardini

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Letras

Trinta Anos de Ficção (1975-2005): *Terra Sonâmbula*, *O último vôo do Flamingo* e *O outro pé da sereia*

Ao longo das leituras dos romances do autor moçambicano Mia Couto é possível observar que, sistematicamente, o escritor propõe ao leitor a aproximação e a interlocução entre o mundo subjetivo das personagens no interior do texto e a História de Moçambique, protagonizada por esses atores ficcionais em recortes cronológicos em que passado e presente permanentemente estão em diálogo. Dessa forma, manifesta-se em sua prosa uma relação intrínseca entre a produção literária e, portanto, as especificidades próprias do campo ficcional e o comprometimento do autor com a realidade histórica de seu país. Através das personagens presentes em seus contos e romances, a História de Moçambique se apresenta e o autor constrói uma perspectiva crítica do país delineando uma realidade social e concreta manifesta vivamente no espaço onde as personagens circulam e vivem. O cenário moçambicano descrito, portanto, em seus romances e contos, aproxima o leitor da realidade histórica e também social do país, reunindo a dinâmica material da vida em Moçambique - com suas especificidades culturais e as tradições locais – bem como uma reflexão acerca do próprio papel social da literatura.

Emiliano Augusto Moreira da Lima

Letras

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

O dia em que João Melo engoliu a pós modernidade

O objetivo é analisar a crítica ao pós-moderno presente nos contos do autor angolano João Melo, posicionado na periferia econômica do processo de globalização do capitalismo. Para tanto, serão focalizadas algumas características da chamada pós-modernidade, bem como definida uma metodologia que possibilite a análise do corpus documental, evidenciando os pontos gerais da estrutura dos referidos textos e sua relação com as formas modernas de produção/reprodução artísticas.

Ianá Souza Pereira

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Vozes femininas de Moçambique: Ventos do apocalipse e Niketche: uma história de poligamia.

O projeto de pesquisa a ser desenvolvido tem como objeto de investigação os romances Ventos do Apocalipse e Niketche: uma história de poligamia de Paulina Chiziane, analisando especialmente as imagens e as representações construídas para a mulher. Tal percurso pressupõe um olhar que se desdobrará sobre Moçambique, uma vez que os romances escolhidos para esta pesquisa manifestam profundas imbricações entre este espaço situacional e as personagens que por ele circulam. Levando-se em conta que Ventos do Apocalipse remete-se de desestabilização moçambicana e Niketche aos momentos posteriores à proclamação da independência do país, ambos, portanto, inscritos no período pós-75. Assim, o recorte temporal proposto para esta investigação pretende abarcar um momento da História moçambicana em que são relevantes o movimento revolucionário de libertação e a organização da estrutura social de Moçambique.

Karla Ribeiro Silva

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Letras

A literatura angolana contemporânea: estratégias discursivas do escritor João Melo

Em *Os Filhos da Pátria* (publicado em Angola em 2001), o escritor angolano João Melo trata de personagens que de alguma forma ficam a margem do processo de desenvolvimento econômico por qual passa Angola no pós-guerra civil. Nesse projeto, trabalho com personagens específicas: as crianças nos contos de João Melo, com especial atenção as crianças de “O feto” e “Tio, me dá só cem”. Pretendo situar a posição da criança marginalizada na sociedade angolana pós- guerra civil e como ela é representada na prosa de João Melo, no livro “Os filhos da Pátria”; Identificar/analisar questões de ordem formal (como a escolha do foco narrativo e a representação da oralidade no texto) e histórica (como a questão do pós-colonialismo e da pós-colonialidade) presentes nos contos, tendo sempre em vista como essas questões trabalham conjuntamente, nunca como algo isolado. Pretendo, portanto, analisar esses contos tendo sempre em vista a relação entre forma e conteúdo.

Letícia de Souza Góes

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Letras

Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra e Antes de nascer o mundo: a experiência da vida nos percursos de Marianinho e Mwanito

O presente trabalho propõe uma leitura em perspectiva comparatista entre os romances *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* e *Antes de nascer o mundo*, ambos do escritor moçambicano Mia Couto, considerando os aspectos sociais das obras a fim de investigar as possíveis imbricações entre ficção e realidade. A partir dos percursos espaciais das personagens centrais, Marianinho e Mwanito, pretende-se estabelecer uma relação entre as experiências que atravessam ao longo do enredo em busca de desvendar os mistérios que cercam suas famílias e a possibilidade de afirmação identitária frente às novas diretrizes da política social e econômica.

Marianna Zaroni Parro

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Letras

As Vozes adormecidas de Mia Couto: o foco narrativo e o conceito de tradição.

Tendo como “corpus” da pesquisa os contos “A Fogueira”, “As Baleias de Quissico” e “De como o velho Jossias foi salvo das águas”, do livro *Vozes anoitecidas* (1985) do escritor moçambicano Mia Couto, esta sendo pesquisado nesta Iniciação Científica, por meio do cotidiano vivido pelas personagens e do espaço dentro do qual elas se encontram, a organicidade, o mantimento e, principalmente, as rupturas das formas de expressão/manifestação/manutenção de algumas das diversas tradições culturais locais em meio ao caos de uma guerra que se estendeu de 1976 a 1992.

A partir da confluência entre dois campos fundamentais: primeiro o da ficção, evidentemente, que se organiza a partir da vida das personagens que se encontram em meio à realidade da guerra; e segundo, o da história de Moçambique, a partir das referências feitas às dinâmicas culturais de alguns grupos étnico-lingüísticos de Moçambique e das condições materiais da vida no país; é pertinente observar as violentas e sistemáticas intervenções que se darão não somente nos planos social, político e econômico, mas também, no cultural, estudando as rupturas que o movimento de intervenção metropolitana provocará (e em que medida) no corpo social moçambicano. Mia Couto, por meio de sua narrativa ficcional, problematiza as condições materiais da vida em Moçambique ao longo dessa guerra, em que os valores das tradições culturais locais e os valores ocidentais historicamente trazidos via sistema colonial se apresentam cotidianamente tensionados e flagelados.

Através das narrativas, se problematiza as questões propostas em cada conto em relação ao contexto histórico, pensando em que medida, estas questões e rupturas se desenvolvem e se tencionam, cada vez mais, num porvir histórico e literário.

Rodrigo de Oliveira Antonio

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Letras

Imbricações entre o ethos poético e o materialismo histórico na formação do romance moçambicano

Este projeto pretende investigar o processo de formação do romance em Moçambique por meio da análise de seis livros: Terra sonâmbula, Antes de nascer o mundo (Jesusalém), de Mia Couto, As visitas do Dr. Valdez, Campo de Trânsito, de João Paulo Borges Coelho, Ualalapi, de Ungulani Ba Ka Khosa e Ventos do Apocalipse, de Paulina Chiziane. O principal objetivo deste trabalho é identificar quais são as influências do pensamento marxista na consolidação do romance como gênero em Moçambique e verificar quais as relações que esse legado teórico estabelece com a tradição poética daquele país. Paralelamente, está dentro do horizonte deste trabalho distinguir possíveis diferenciais estéticos e estruturais da produção romanesca moçambicana, capazes de alargar os limites de expressão desse gênero discursivo, bem como questionar certa orientação crítica que aponta para um esgotamento do romance.

Stela Saes

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Letras

A lei 10.639 e a literatura moçambicana: perspectivas e aplicação

A criação da Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003, (posteriormente alterada para a Lei 11.645, de 10 de março de 2008) estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e promete a inclusão no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” nas salas de aula. Para ministrar esse conteúdo e elaborar uma proposta didática que envolva esses pressupostos teóricos foi escolhido o livro de contos Godido do moçambicano João Dias. Dentro desse livro, Godido é o personagem principal de diversos contos e consegue estabelecer ligação e unidade da obra. Apesar dessa característica cada conto pode ser lido e trabalhado independentemente também. O livro entra para a história da literatura moçambicana por tratar o problema do negro a partir da visão de um negro. É a partir deste problema existente na educação básica brasileira, e também, munida de estudos na área de Literaturas Africanas de Línguas Portuguesa, Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa, Didática, Metodologia e Política e Organização da Educação Básica no Brasil é que pretendo analisar, descrever e qualificar uma pesquisa que vise diminuir o abismo entre a formulação da lei e sua aplicação na perspectiva da literatura moçambicana como meio de aplicação.

Ubiratã Roberto Bueno de Souza

Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha e Silva

Letras

Ualalapi, de Ungulani Ba Ka Khosa: ficção moçambicana e visualizações políticas

Objetivos: Realizar uma análise do romance Ualalapi (1987), de Ungulani Ba Ka Khosa, de modo a mapear o funcionamento e os detalhes da estrutura e constituição da obra, de modo a enfatizar de que modo esta obra pode ser relacionada com o contexto social e político de Moçambique dos anos 80. Métodos/Procedimentos: Utiliza-se nesta pesquisa os critérios e pressupostos teóricos da crítica literária do materialismo histórico, como se pode depreender em Jameson (1985 e 1992) e Williams (1979). Fundamentam também a pesquisa os escritos de Eagleton (2003 e 1997), que enfatizam as relações entre literatura, crítica literária e ideologia social, e os pressupostos críticos de Antonio Candido que relacionam literatura e sociedade (2008 e 2007). Resultados: Os resultados parciais da pesquisa tem observado que o

romance lança mão de um dado histórico, socialmente conhecido, a saber, o Império de Gaza, última instituição estatal autóctone destruída pela ação colonizadora portuguesa, e seu último imperador, Ngungunhane, submetendo este mesmo mote a uma estrutura de romance substancialmente peculiar: uma narrativa que se cinde entre pequenos trechos narrativos atomizados que adquirem certa autonomia em relação aos demais, e trechos chamados “Fragmentos do Fim”, que reúnem citações de documentos históricos, máximas do pensamento, versos da Bíblia, etc. O que se tem, portanto, é uma visão do imperador Ngungunhane que de forma alguma se unifica em algum consenso, uma vez que Ngungunhane se apresenta ora como dominador déspota e crudelíssimo, ora como mártir de luta contra o império português, ora como governante prudente, ora como um excêntrico cultor do poder. Conclusões: Se é possível estabelecer um paralelo com a história de Moçambique no pós-independência, percebe-se que Ngungunhane foi um mito eleito como símbolo de mártir, e sua imagem propagada como formato de uma entidade nacional que se criava, ideologicamente, naquele momento. O governo da FRELIMO buscava neutralizar as gritantes diferenças e pluralidades culturais das diferentes regiões em favor de um ente “moçambicano” que se criava naquele momento, não abstratamente, mas com as características dos povos do sul. O romance de 1987, portanto, desarma estes discursos em nome de um Ngungunhane humanamente contraditório, cujo poder fora também formatador e dominador. Ualalapi é um romance que trata, dialeticamente, do poder.

Cristiane Aparecida Francisca Moreira

Profa. Dra. Rosângela Sarteschi

Letras

O espaço entre o imaginativo e o factual: literatura e história nas venturas e desventuras de dois meninos pela Bahia, de Jorge Amado e a Angola, de Ondjaki.

Este estudo tem por objetivo fazer uma análise literária comparativa dos romances Capitães da areia, de Jorge Amado e Bom dia Camaradas, de Ondjaki, relacionando-os com os diferentes momentos da história recente do Brasil dos anos 30 e a de Angola da década de 80 por meio da representação da infância nos espaços ficcionais focalizados, Salvador e Luanda. Nesse sentido, pretendemos demonstrar como os episódios narrados, assim como outros acontecimentos históricos, servem de alicerce para o discurso literário entrelaçar-se à historicidade desses dois países. Nosso objetivo, portanto, será o de procurar entender como acontecem os entrelaçamentos no âmbito ficcional e sua tessitura histórica.

Igor Fernando Xanthopulo Carmo

Profa. Dra. Rosângela Sarteschi

Letras

Reflexão social e metafísica em Paulina Chiziane e Gonçalo M. Tavares: entrelaçamentos possíveis

A pesquisa em desenvolvimento tem como objeto de estudo duas obras literárias produzidas na primeira década do século XXI. Histórias Falsas, composta de narrativas breves, reúne diversas figuras e contextos históricos, que, embora situados no tempo-espaço concreto, dissolvem-se em um plano fictício, quase mítico, reincidentes nos “causos” populares. Gonçalo M. Tavares, autor nascido em Angola (identifica-se como português), amarra tais perspectivas por meio da filosofia clássica, que perpassa toda a extensão da obra. As Andorinhas de Paulina Chiziane, similarmente, debruçar-se-á sobre figuras e elementos históricos inscritos na “memória coletiva” moçambicana para construir um novo universo de sentido. O livro, constituído por três contos, retoma personalidades históricas como o monarca Gungunhana de Gaza e Eduardo Mondlane (primeiro presidente da FRELIMO). No entanto, as narrativas aproximam-se dos contos de fadas e das estórias do maravilhoso-fantástico, resignificando as personagens e os impasses sócio-históricos de Moçambique, sobretudo o sistema colonial e suas mazelas.

Juliana Cristina Cápua Dourado
Profa. Dra. Rosângela Sarteschi
Letras

Do trapiche às cubatas, a infância que não foi: uma análise comparatista entre Capitães da Areia, de Jorge Amado, e A Cidade e a Infância, de Luandino Vieira.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a interlocução da literatura brasileira com a literatura angolana a partir da leitura das obras Capitães da Areia, de Jorge Amado, e A Cidade e a Infância, de José Luandino Vieira e demonstrar como a literatura comprometida com os valores, com os problemas e com a vida cotidiana do povo brasileiro projetou-se de maneira substantiva entre os escritores angolanos, em especial o autor aqui estudado, estabelecendo uma relação de trocas responsável pela quebra do trânsito metrópole-colônias próprio do cenário do colonialismo: a literatura brasileira vai constituir-se como um ponto de referência a partir do qual buscar-se-á a construção da identidade cultural de Angola. Por meio dos textos literários, corpus desse trabalho, é possível problematizarmos de que forma ocorreu esta correspondência no que diz respeito à questão da criança inserida nos espaços sociais abordados por Amado e Vieira nas décadas de 1930 e 1950, respectivamente.

Maria Paula de Jesus Correa
Profa. Dra. Rosângela Sarteschi
Letras
Leitura na Literatura

Inicialmente nosso trabalho tem por objetivo observar por meio de leitura e análise do romance Terra Sonâmbula e de um segundo texto que está em processo de escolha, como a leitura e a literatura podem constituir-se como elementos de transformação das personagens ali desenhadas, projetando-se como sujeitos de sua história, e conseqüentemente, inspirar seus leitores para que possam urdir uma realidade mais humana e igualitária. Nesse sentido, o trabalho pretende também contribuir para formulação de material didático a ser disponibilizado aos professores de Língua Portuguesa do ensino básico em que se utilize a literatura como ferramenta fundamental na elaboração de um novo mapa do imaginário negro e no qual se discuta a aplicação de ações afirmativas como meio de alcançar um mundo mais solidário, justo e democrático, colaborando para sua transformação.

Ari Mascarenhas
Profa. Dra. Vima Lia de Rossi Martin
Letras

A arte de contar histórias: uma poética da memória em Leite Derramado e Terra Sonâmbula.

O presente trabalho visa analisar, de maneira comparada, o processo de construção narrativa através da rememoração de fatos ou pensamentos, suas contradições e reconstruções, presença de oralidade e registro escrito; nos romances Leite Derramado, do brasileiro Chico Buarque, e Terra Sonâmbula, do Moçambicano Mia Couto. Esse processo narrativo sofre alterações de acordo com a intencionalidade de relatar veridades e incertezas, cada qual, em seu romance, com sua marca singular. Enquanto um descreve a melancolia da transformação social, presente nas declarações de Eulalio em Leite Derramado, outro mostra com bons olhos e esperança de que haja um equilíbrio social mais justo, ideais documentados em um caderno por Kindzu. A arte de contar histórias em ambos mostra-se presente de maneira distinta. Essa construção narrativa na exposição do período pos-independência em ambos os países será o principal eixo dessa pesquisa.

Janete Barbosa de Oliveira
Profa. Dra. Vima Lia de Rossi Martin
Letras
O narrador múltiplo em Nosso Musseque, de Luandino Vieira

A pesquisa que propomos – ainda em estágio inicial – está centrada no estudo de *Nosso Musseque* (2003), de José Luandino Vieira, romance que faz parte do conjunto de obras escritas durante o tempo em que o autor esteve encarcerado, em Luanda, por atividades anticolonialistas. Trata-se de uma narrativa que ainda conserva os traços do que já se convencionou chamar de um “projeto estético comprometido com um projeto de nação”. Buscamos compreender como as estratégias discursivas construídas (polifonia de vozes narrativas, adoção de diversos ângulos ou perspectivas dos fatos narrados, entrelaçamento dos episódios num fluxo temporal descontínuo, apreensão subjetiva do espaço, composição híbrida da linguagem) se articulam com as questões sociopolíticas de Angola, no período anterior à guerra de independência. Consideramos que a constituição múltipla, por assim dizer, do foco narrativo no romance pode ser um índice importante da estreita relação entre contexto e texto.

Louise Monteiro Bonassi
Profa. Dra. Vima Lia de Rossi Martin
Letras
Um mundo dividido em dois: uma leitura de Cadernos de memórias coloniais, de Isabela Figueiredo

A pesquisa tem por objetivo principal o estabelecimento de uma leitura da obra *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), da autora portuguesa Isabela Figueiredo. A partir de uma perspectiva sócio-histórica, pretende-se focar as complexas relações que articulam o texto literário aos contextos de sua produção, compreendendo esses contextos como as dinâmicas sociais que envolvem as sociedades moçambicana e portuguesa. Com isso, busca-se refletir, a partir das particularidades de composição do texto memorialístico, sobre as tensões e contradições que marcam a presença portuguesa em terras africanas, tendo como recorte principal os últimos anos da dominação colonial portuguesa em Moçambique.

Antonio Alone Maia
Prof. Dr. Kabengele Munanga.
Antropologia
Ruptura, Continuidade ou Agregação? Complexidade: Saberes endógenos, saberes exógenos e desenvolvimento local.

Este trabalho tem como objetivo geral falar sobre o povo africano Nyungwe de Moçambique, que diante de situações que ameaçam a vida, tais como a doença, ele recorre ao modelo etiológico e modelo terapêutico etnobotânicos. Quem detém os conhecimentos e o poder sobre estes modelos são os mais velhos. Especificamente o trabalho pretende apresentar o dado de que, apesar de o povo recorrer a etnobotânica, ele convive também em simultâneo com o modelo do sistema biomédico para garantir a eficácia do restabelecimento do equilíbrio na pessoa. Moçambique, como qualquer outra sociedade africana, ele é um País onde o povo tem uma relação profunda com a terra e com os ancestrais. Pois se acredita que os ancestrais são os guardiões dessas terras. Ao mesmo tempo, Moçambique é um país que precisa crescer e ficar desenvolvido com o potencial de recursos que ele possui.

Ruy Monteiro

Profa. Dra. Valéria de Marcos

Geografia

O contato entre a população rural do norte de Moçambique e o agronegócio brasileiro.

O trabalho tem o objetivo de entender como tem se dado as relações entre Brasil e Moçambique, mais especificamente no campo dos grandes projetos agronômicos e de exploração dos recursos naturais dando relevo a como se estabelecem o contato com as populações rurais locais nesses processos. Procura colocar isso no âmbito mais geral das estratégias de expansão dos setores sucroalcooleiro, algodoeiro e sojeiro, que competem internacionalmente por espaços de produção que possibilitem vantagens competitivas baseadas na diminuição dos custos de produção e acesso a mercados. O estudo de caso é focado na concessão de terras que o governo brasileiro recebeu para produzir cana, algodão e soja na região norte de Moçambique totalizando seis milhões de hectares no máximo. Ela vem sendo explorada por fazendeiros do Mato Grosso, com apoio da Embrapa e da Agência Brasileira de Cooperação envolvendo um grande esforço diplomático dos níveis políticos mais altos de ambos os governos.